Práticas em Musicalização Infantil: reflexões a partir do Estágio Supervisionado e sua importância para a formação docente

Comunicação

GTE 08: Educação Musical na Infância

Lucas Rafael Doria Feitoza
Universidade Federal de Sergipe
lucasfeitoza@academico.ufs.br

Sayonara Oliveira Almeida
Universidade Federal de Sergipe
sayonaraalmeida0105@gmail.com

Maria Luiza Santos Barbosa
Universidade Federal de Sergipe
mluizasb@academico.ufs.br

Resumo: A musicalização infantil constitui um campo da Educação Musical que favorece o desenvolvimento integral da criança por meio da experiência sonora, corporal, lúdica e interativa. Nesse contexto, as oficinas de Musicalização Infantil do Departamento de Música da Universidade Federal de Sergipe (UFS) articulam extensão universitária e formação docente, constituindo também espaço para a realização do Estágio Supervisionado. Este artigo apresenta um relato de experiência de dois estagiários que atuaram, no primeiro semestre de 2026, em uma turma composta por crianças de 2 a 3 anos, fundamentando suas práticas nas pedagogias ativas de Émile Jaques-Dalcroze, Carl Orff e Zoltán Kodály. Os dados foram produzidos a partir de planejamentos de aula, registros reflexivos dos estagiários e observação participante, posteriormente organizados em quatro eixos analíticos: adaptações de última hora e tomada de decisão; engajamento e respostas ao repertório; papel dos responsáveis; e percepção e desenvolvimento musical. Os resultados evidenciaram que a flexibilidade do planejamento, a seleção de repertório significativo, a exploração corporal e instrumental, a improvisação e o acolhimento das iniciativas infantis favoreceram o engajamento, a participação ativa, a autonomia e a assimilação de conteúdos rítmicos, melódicos e corporais. A experiência também destacou a importância da mediação com os responsáveis e da reflexão crítica sobre a prática. Conclui-se que a articulação entre formação acadêmica e prática supervisionada contribui para a construção de saberes docentes críticos e contextualizados, fortalecendo a formação para a atuação profissional na Educação Musical Infantil.

Palavras-chave: Musicalização Infantil; Estágio Supervisionado; Formação Docente.

1. Introdução

O ensino de música na infância desempenha um importante papel no desenvolvimento integral da criança, atuando nas dimensões cognitiva, afetiva, social e cultural. A vivência musical possibilita a ativação de diversas áreas do cérebro ao mesmo tempo e conecta o desenvolvimento biológico e psíquico à vida social (Broock e Freire, 2025; Martelli *et. al*, 2022). Ela estimula a mente infantil ao envolver percepção, atenção, memória, imaginação e pensamento de forma integrada (Madalozzo *et al.*, 2024).

A experiência e a prática musical também promovem avanços no desenvolvimento da atenção sustentada, da memória operacional, da percepção e do raciocínio, bem como estimulam a reorganização de circuitos neurais, fortalecendo a capacidade de aprendizagem. Em relação às Funções Executivas, o fazer musical utiliza habilidades fundamentais como a flexibilidade mental, o planejamento, a atenção dividida e o controle inibitório (Martelli *et. al,* 2022). Intervenções focadas nos aspectos rítmicos demonstram efeitos positivos no desenvolvimento da consciência fonológica, contribuindo nos processos de alfabetização, leitura e escrita (Oliveira; Oliveira Neto, 2018).

No contexto da Educação Musical, as abordagens pedagógicas consolidadas na primeira metade do século XX revolucionaram a forma de ensinar música ao colocarem a criança e a experiência no centro do processo educativo, em oposição ao modelo tradicional conservatorial, que era focado na memorização e no ensino de regras de teoria musical. Esses educadores defenderam que a vivência prática, corporal e sensorial deve anteceder qualquer abstração ou notação formal (Nassif, 2025). Estas pedagogias convergem com as teorias do desenvolvimento cognitivo (como as de Piaget e Vygotsky), onde a criança aprende organizando primeiramente esquemas sensório-motores e experiências práticas com os seus pares, construindo a base empírica para que, no momento adequado, consiga compreender e internalizar conceitos formais e abstratos (Nassif, 2025).

A musicalização infantil, nesse contexto, constitui um campo específico da Educação Musical voltado ao desenvolvimento da criança por meio da vivência da linguagem musical. Diferentemente do ensino técnico-instrumental tradicional, a musicalização na primeira

infância prioriza a experiência sonora, a exploração corporal, o canto, o jogo e a escuta como caminhos para a construção do conhecimento musical.

Buscando a experimentação das pedagogias ativas musicais na educação das crianças, foram implementadas oficinas de musicalização infantil no Departamento de Música (DMU) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) enquanto ações de extensão universitária. Esses programas de extensão exercem um papel fundamental na articulação entre a comunidade e a formação docente, pois permite que os estudantes exerçam a prática docente supervisionada, articulando a formação acadêmica teórica com a prática. Além disso, as oficinas também contribuem para as práticas de Estágio Supervisionado, componente curricular obrigatório dos cursos de licenciaturas.

O presente artigo tem por objetivo apresentar o relato de experiência de Estágio Supervisionado realizada por dois estagiários em uma turma composta por crianças entre 2 e 3 anos de idade, fundamentando-se nas pedagogias ativas de Émile Jaques-Dalcroze, Carl Orff e Zoltán Kodály (Mateiro, Ilari, 2012). Por meio da análise dos registros das aulas ministradas, buscou-se demonstrar a importância da consolidação entre os fundamentos teóricos e a atuação pedagógica efetiva.

A perspectiva de Dalcroze foi utilizada para desenvolver a rítmica, compreendendo o corpo como o primeiro instrumento musical por meio do pulso e do movimento. Os princípios de Orff integraram música, movimento e improvisação com uso de instrumentos de pequena percussão de forma lúdica. Por fim, a abordagem de Kodály valorizou o canto e a utilização do cancioneiro popular como bases da aprendizagem musical.

2. Musicalização Infantil na UFS

O curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Sergipe (UFS) oferece, desde agosto de 2023, oficinas de Musicalização Infantil para crianças entre 02 e 11 anos de idade, organizadas em turmas específicas conforme a faixa etária. Nesse período, o número médio de crianças matriculadas é de 24 por semestre letivo, segundo os dados cadastrados no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) da Universidade. O número total de estagiários que atuam ou já atuaram nas oficinas até o momento é de 11 licenciandos.

São atendidas, também, crianças neurodivergentes (TEA e TDAH), buscando-se a elaboração de práticas pedagógicas acessíveis e sensíveis às singularidades do desenvolvimento infantil (Oliveira et al., 2022; Asnis; Elias, 2019; Louro, 2021).

Apesar dos resultados positivos já observados, a consolidação dessas oficinas como um projeto de extensão demanda da ampliação da oferta de horários, de instrumentos musicais adequados e da estruturação de um processo formativo voltado à formação docente inicial. Tal ampliação se justifica, sobretudo, pela lacuna na formação dos estudantes dos cursos de Licenciatura em Música e Pedagogia da UFS, que não dispõem de componentes curriculares específicos sobre Educação Musical e Infância(s). Considerando que os egressos desses cursos atuarão na Educação Básica, torna-se fundamental promover uma formação que articule fundamentos teóricos, conhecimentos científicos da área musical e práticas pedagógicas contextualizadas e conscientes do seu impacto no desenvolvimento infantil.

A extensão universitária constitui um importante espaço de articulação entre a universidade e a comunidade, possibilitando que os conhecimentos produzidos no âmbito acadêmico sejam mobilizados em situações concretas de ensino e aprendizagem. No contexto das oficinas de Musicalização Infantil, essa articulação permite que os licenciandos vivenciem experiências práticas sob supervisão pedagógica do orientador, acompanhando as diferentes situações que ocorrem no dia a dia da docência. A partir dessas experiências, os estudantes podem analisar, discutir e problematizar coletivamente a prática musicopedagógica, construindo seus próprios saberes sobre o ensino de música na infância.

3. A Musicalização Infantil enquanto prática do Estágio Supervisionado

Como citado anteriormente, as oficinas de Musicalização Infantil também contribuem para as práticas de Estágio Supervisionado, componente curricular obrigatório do curso de licenciatura em Música. O presente artigo apresenta o relato de experiência de dois estagiários que atuaram conjuntamente na mesma turma. Ocorrido no primeiro semestre letivo de 2026, no período de 23 de março a 15 de junho, foram totalizados 11 encontros semanais, com duração de 50 min cada encontro. As aulas ocorreram na sala 01 do Departamento de Música da UFS (Didática VII).

O espaço dispunha de tatames, instrumentos de pequena percussão (clavas, caxixis, pandeiros, tambores, chocalhos, guizos, sinos), além de piano e violão, recursos que subsidiaram as propostas metodológicas. A experiência foi realizada com uma turma composta por crianças de 2 a 3 anos, acompanhadas por seus responsáveis, com duração de 50 minutos por encontro. A coordenação das oficinas e a orientação do estágio foi realizada pela Profª Drª Maria Luiza Santos Barbosa.

Os dados apresentados neste relato foram gerados a partir de duas fontes principais. A primeira delas são os planejamentos de aula, estruturados em momentos fixos - *acolhimento, sequência inicial, música e movimento, ritmo, escala, música da criança, apreciação musical* e *encerramento* - com adaptações conforme o andamento do semestre. A segunda fonte são os registros realizados pelos estagiários após cada encontro, nos quais são descritos imprevistos, reações das crianças, participação dos responsáveis e percepções sobre o próprio desempenho, constituindo assim a principal fonte dos dados para a discussão apresentada neste artigo.

Os planos de aula foram pensados com o objetivo central de promover a exploração dos conteúdos musicais de maneira prática e lúdica, considerando as características da faixa etária e as respostas apresentadas pelas crianças ao longo dos encontros. Conteúdos como a apreciação musical e a improvisação foram incorporados aos momentos de relaxamento e práticas cantadas com as notas da escala de Dó Maior.

Os estagiários optaram pela performance acústica, onde um deles toca enquanto o outro canta, possibilitando que as crianças acompanhassem a música em tempo real. Esta prática torna a aula mais interativa, permitindo aos estagiários realizar correções, modificações e acrescentar elementos nas atividades. Foram utilizadas também músicas gravadas, executadas com a caixinha de som. O repertório e as atividades eram reavaliados pelos estagiários após cada aula a fim de decidir quais músicas seriam mantidas e se permaneceriam vinculadas à mesma proposta ou seriam reapresentadas com foco em outro conteúdo musical.

Ao início de todas as aulas, o momento de *Acolhimento* foi feito com uma canção de apresentação, com a intenção de estabelecer a rotina e a participação das crianças. As aulas eram iniciadas com a música *Quem Vem Lá?,* de Margareth Darezzo, cuja letra era adaptada

no trecho “é o meu amigo que acaba de chegar”, substituindo-se a palavra “amigo” pelo nome da criança que estava sendo apresentada. Nas duas primeiras aulas, os responsáveis foram convidados a apresentar as crianças. A partir dos encontros seguintes, os estagiários passaram a incentivar que elas próprias realizassem sua apresentação. Essa mudança começou a apresentar resultados mais evidentes na nona aula, quando todas as crianças participaram do momento de apresentação sem a intervenção dos responsáveis e dos professores.

Nos momentos de *Sequência Inicial* e nas canções de *Movimento* foram realizadas atividades de imitação que buscavam estimular a conexão entre música e corpo por meio de brincadeiras musicais, com o objetivo de desenvolver a consciência corporal, a coordenação motora e a percepção de parâmetros sonoros, em especial os contrastantes, como som e silêncio, forte e piano, e rápido e devagar. Todas as atividades eram feitas utilizando o corpo e a voz e, por vezes, os professores realizavam as propostas de forma encenada, para que se passasse a sensação de um momento leve e jocoso. Entre o repertório utilizados estiveram *A Palma da Mão* (Christian Félix), *Enrola* (domínio público), *O Jacaré foi Passear Lá na Lagoa* (Tia Mori) e *Bolinha de Sabão* (Palavra Cantada).

As atividades rítmicas foram realizadas com instrumentos de pequena percussão e percussão corporal, visando desenvolver a pulsação e a prática de figuras rítmicas como semibreve, mínima, semínima e colcheia. Em todas as aulas, as atividades eram guiadas de forma que utilizássemos o máximo de parâmetros sonoros e informações musicais por meio da imitação, partindo da execução do professor para a reprodução pelas crianças, indo do forte ao fraco e adicionando diferentes execuções rítmicas, até mesmo com células de baião e similares, tendo o cuidado de trabalhar dentro das possibilidades apresentadas pelas crianças. Também era comum que essas atividades fossem desenvolvidas em conjunto com movimento. Foram utilizadas músicas como *Amigo Sapo* (Ninho Musical), *Macaco Pisa o Milho* (domínio público) e *De Gotinha em Gotinha*, da Palavra Cantada.

No momento destinado à escala musical, foi utilizada a canção *No Meu Corpo Moram Notas*, do Grupo Canela Fina, com a intenção de relacionar as notas musicais às partes do corpo, tornando físico o movimento ascendente e descendente da escala de Dó maior. Ao longo do semestre, foram introduzidos os sinos de mesa e outros instrumentos de altura definida, inicialmente para exploração livre e, posteriormente, em atividades dirigidas. Em

uma das aulas a exploração dos sinos, em escala de dó maior pentatônica acompanhada pelo violão, resultou em uma atividade de improvisação melódica que passou a ser aplicada recorrentemente.

O *Momento da Criança* foi utilizado para incentivar a expressão individual, a autonomia e a autoconfiança. As crianças foram estimuladas a escolher uma música de seu interesse para apresentar, ou tocar livremente os instrumentos disponíveis em sala. Era comum a participação do responsável como apoio para a criança, mas sem retirá-la do primeiro plano durante a atividade.

Por fim, o momento do *Relaxamento* era utilizado para aplicar o conteúdo de apreciação musical. Solicitando que os alunos se deitassem com os responsáveis nos tatames, eram orientados a "dormir". Em seguida, os estagiários apagavam as luzes e colocavam uma música, majoritariamente instrumental, para tocar na caixa de som, em um volume audível, mas não invasivo, ou realizavam um improviso com o violão e/ou voz. Foram apresentadas obras e repertórios variados, incluindo *One Summer's Day*, de Joe Hisaishi, *O Silêncio*, de Cria e *Alecrim Dourado*, de domínio público.

Para o seguinte relato, realizou-se a leitura de todos os registros reflexivos, identificando unidades de sentido recorrentes. Em seguida, procedeu-se à categorização temática, agrupando os episódios em quatro eixos analíticos: (a) adaptações de última hora e tomada de decisão – situações em que o planejamento foi alterado em razão de imprevistos técnicos ou comportamentais; (b) engajamento e respostas ao repertório – observações sobre quais músicas e atividades geraram maior ou menor participação das crianças; (c) papel dos responsáveis – reflexões sobre a influência da presença e atuação dos adultos no desenvolvimento das atividades; e (d) percepção e desenvolvimento musical – assimilação de conteúdos rítmicos, melódicos e corporais ao longo do semestre.

3.1 Adaptações de última hora e tomada de decisão

Ao longo do semestre, situações imprevistas exigiram decisões pedagógicas em tempo real, evidenciando a importância da flexibilidade docente na musicalização infantil. Em uma das aulas, um problema técnico com o material eletrônico impossibilitou a execução do

planejamento previsto, tornando necessária uma reorganização completa da aula a partir do repertório já trabalhado. Como alternativa, foi realizada uma recapitulação das músicas e atividades desenvolvidas ao longo do semestre até aquele presente momento. Apesar do imprevisto e da necessidade de adaptação, a aula transcorreu de forma supreendentemente positiva, com a participação ativa de todos os alunos. A situação possibilitou aos estagiários observar e avaliar o desenvolvimento da turma em relação aos conteúdos e às habilidades trabalhados até então.

Após essa experiência, os estagiários entenderam como um momento oportuno para introduzir novos elementos e propostas. No entanto, a estratégia mostrou-se pouco funcional. A aula ocorreu em um momento de maior dispersão dos alunos, exigindo intervenções frequentes para retomar a atenção. Como resultado, a condução das atividades tornou-se difícil e o planejamento se mostrou pouco efetivo.

Diante disso, nas aulas seguintes, os estagiários retomaram elementos já conhecidos pelos alunos, como os sinos de mesa e os guizos, além de músicas anteriormente trabalhadas, como *O Caranguejo Não é Peixe* (domínio público). Essa retomada buscou estabelecer um ponto de familiaridade antes da introdução de novas propostas. Assim, uma música era inicialmente apresentada da forma como os alunos já a conheciam e, posteriormente, eram adicionadas dinâmicas, movimentações ou ritmos modificados, possibilitando a introdução gradual de atividades mais complexas a partir de um ponto de referências já conhecidas pelos alunos.

Como estratégia de condução, passou-se também a considerar a energia apresentada pelos alunos no momento da aula, utilizando atividades de acordo com a disposição apresentada. Em momentos de maior agitação, por exemplo, as propostas eram iniciadas com mais intensidade, movimentos amplos e bastante expressividade e, a partir desse ponto, os parâmetros sonoros e outros conteúdos musicais eram utilizados, também, como recursos para conduzir gradualmente a momentos mais tranquilos. Essa dinâmica era repetida algumas vezes, passando por níveis intermediários, de modo que as mudanças ocorressem levemente e fossem uma parte inerente da própria atividade musical.

Esses episódios revelam que a capacidade de improvisar soluções diante de imprevistos, assim como a maleabilidade conjunta à autoanálise pedagógica, são aspectos

centrais da docência na primeira infância. O planejamento, embora necessário, deve ser compreendido como um instrumento flexível, aberto a ajustes conforme as condições do contexto e as respostas do grupo, pois, assim como retrata Swanwick (2003), a música não se reduz a um roteiro fixo, mas se constrói na interação entre os sujeitos e as circunstâncias. A experiência de recapitular conteúdos já trabalhados, em vez de introduzir novos, demonstrou que a repetição, longe de ser um entrave, pode consolidar aprendizagens e fortalecer o vínculo da turma com o repertório. Brito (2003) afirma que, para a educação musical com crianças pequenas, é necessária a escuta atenta do educador, bem como a disponibilidade de acolher o inesperado, transformando a própria aula em uma nova oportunidade pedagógica.

3.2 Engajamento e respostas ao repertório

As observações ao longo das aulas evidenciaram que determinadas canções e atividades geraram maior participação e interesse por parte das crianças, revelando a importância da seleção cuidadosa do repertório na musicalização infantil. Um episódio emblemático ocorreu com a música *O jacaré foi passear lá na lagoa* (Domínio Público): em uma das aulas, a mãe de uma aluna informou que ela cantava diversas vezes a música em casa e, ao chegar na aula, antes mesmo do início, a criança pedia para cantar a música. Esse relato revela que a canção transpôs as barreiras da sala de aula, integrando-se ao cotidiano familiar, contribuindo na ampliação do repertório infantil.

A atividade com instrumentos musicais também gerou respostas significativas. Durante a exploração do pau de chuva, um dos alunos teve a ideia de "fazer chover" sobre os colegas, responsáveis e professores, deixando a atividade bastante lúdica. Esse comportamento, que transformou o instrumento em elemento de brincadeira coletiva, segundo Lambert (s.d.), está em consonância com os princípios de Carl Orff, onde a exploração livre e a brincadeira são vias privilegiadas de aprendizagem musical. A iniciativa da criança, ao invés de ser contida, foi acolhida e estendida ao grupo, ampliando o potencial lúdico da proposta e demonstrando que o educador, ao ceder espaço para a criação coletiva, potencializa o engajamento e a significação da experiência musical.

Além disso, a aula pública evidenciou o impacto do repertório familiar para as crianças pois, apesar de não estar na programação da aula, uma das alunas pediu que cantássemos *O*

jacaré foi passear lá na lagoa (Domínio Público), pedido que foi prontamente atendido. Foi observado que as crianças das outras turmas, que também participavam da aula pública, apreciaram a canção, gerando um momento de interação coletiva.

Silva (2014), afirma que, segundo Choksy (1974, p. 8),

> para Kodály as canções e jogos infantis e as melodias folclóricas constituem uma música viva e que pode ser vivenciada antes mesmo de a criança frequentar a escola. Não se trata de melodias compostas para atender padrões pedagógicos, mas de canções que oportunizam a vivência natural de rimas, frases, formas e que estão diretamente ligadas ao idioma materno, no qual a criança cresce e se comunica. Nesse sentido, a utilização de canções folclóricas e populares apropriadas às crianças coopera na formação de valores musicais e no estabelecimento de sua identidade cultural (Silva, 2014).

Este episódio reforça a importância de o educador estar atento aos interesses do grupo e de utilizar o repertório como ferramenta de integração e pertencimento, valorizando a cultura infantil e o cancioneiro popular.

3.3 Papel dos responsáveis

Na turma de crianças entre 2 e 3 anos, os responsáveis participam das aulas como acompanhantes, introduzindo uma dinâmica peculiar à prática pedagógica. Os registros realizados durante o semestre letivo indicam que a participação ativa dos adultos favoreceu o engajamento das crianças, mas também gerou situações que exigiram mediação dos professores. Em ocasiões em que os responsáveis participaram das atividades, incentivando as crianças, foi observado um melhor envolvimento dos alunos.

No entanto, em uma ocasião específica, um responsável chamou a atenção de uma criança afirmando que, caso ela não participasse da aula, não retornariam mais. O aluno em questão manteve-se mais recluso e disperso ao longo de toda a aula em comparação às aulas anteriores, o que levou os professores a conversarem com o responsável, explicando que algumas crianças levam mais tempo para se sentirem confortáveis para interagir e que a equipe está atenta às atividades pelas quais o aluno demonstra maior interesse.

Brito (2003) retrata a importância de um ambiente emocionalmente seguro para a exploração musical na infância, pois a pressão exercida pelo adulto, ainda que bem-

intencionada, pode inibir a participação espontânea da criança, que necessita de tempo e acolhimento para se integrar ao grupo. A intervenção dos professores, ao explicar ao responsável as especificidades do desenvolvimento infantil, demonstra o papel formativo do educador também em relação aos adultos, que são mediadores fundamentais das experiências musicais das crianças.

3.4 Percepção e desenvolvimento musical

Ao longo do semestre, foi possível observar a assimilação de conteúdos rítmicos, melódicos e corporais pelas crianças. Na atividade em que as notas musicais são associadas às partes do corpo, utilizando a canção *No Meu Corpo Moram Notas* (Grupo Canela Fina), foi possível perceber a compreensão de alguns alunos, especialmente no reconhecimento da nota dó, como registrado na segunda aula da turma. Essa percepção foi corroborada em outro momento, quando se observou que os alunos já conseguiam cantar algumas notas da música assimilando-as às partes do corpo, como registrado na aula nove.

Nesta atividade, as partes do corpo foram utilizadas como meio de experimentação para as alturas sonoras. Segundo Mariani (2012), Dalcroze parte do princípio de que as primeiras experiências musicais são de ordem motora:

> Para a criança, a percepção do som e sua tradução motora são imediatas e ela costuma sentir prazer com a experiência física. Ele observou que os movimentos naturais das crianças – andar, correr, saltitar e balançar – expressam naturalmente elementos da música. O corpo passa, então, a ser um meio privilegiado para vivenciar a dimensão temporal da música, podendo a Rítmica ser entendida como uma estimulação da atividade motora por meio dos eventos musicais (Mariani, 2012).

A atividade de improvisação melódica com sinos também revelou o potencial criativo das crianças. Foram distribuídos no chão seis sinos, cada um correspondendo a uma nota, formando a escala pentatônica de dó maior. As crianças eram convidadas, uma por uma, a tocar livremente enquanto o professor acompanhava harmonicamente no violão. Em uma das aulas, a atividade acabou ocupando toda a segunda metade do tempo de aula devido ao grande interesse e entusiasmo demonstrados pelas crianças, sendo necessário realizar duas rodadas com cada aluno. Esta atividade permitiu que as crianças explorassem as alturas, favorecendo a participação e a criatividade.

Bona (2012) afirma que Carl Orff fundamenta a exploração livre do instrumental de percussão/placas (sinos) e a improvisação como princípio gerador do seu material *Música Elementar,* pois estimulam a criação e a composição infantil espontânea. Este princípio foi aplicado nas atividades propostas para a turma.

Em outra aula, foi notada a participação ativa dos alunos em todas as atividades, desde a autoapresentação na canção de acolhimento, sem a necessidade da intervenção dos responsáveis, até o momento de escolher a canção a ser apresentada no "Momento da Criança", onde um deles apresentou a sua composição. Esse episódio evidencia o desenvolvimento da autonomia musical. A composição espontânea de uma canção por uma criança de 2 anos revela não apenas a assimilação dos conteúdos trabalhados, mas também a internalização de estruturas musicais e a capacidade de criar a partir do repertório vivenciado.

Os resultados apresentados indicam que a articulação entre as pedagogias ativas de Dalcroze, Orff e Kodály favoreceram o engajamento, a participação ativa e o desenvolvimento musical das crianças de 2 e 3 anos de idade. Os episódios analisados demonstram que a musicalização infantil, quando fundamentada em princípios de corporeidade, ludicidade, experiência ativa e respeito às especificidades da faixa etária, estabelece bases significativas para o desenvolvimento integral da criança.

4. Conclusão

As práticas realizadas durante o Estágio Supervisionado evidenciaram que a musicalização infantil promove o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social, cultural e afetivo das crianças. Em relação à formação docente, as questões pedagógicas relacionadas à flexibilidade, manifestada em adaptações de última hora, seja na escuta atenta aos interesses do grupo, ou na mediação das interações entre crianças e adultos, trouxeram reflexões determinantes para que as aulas ocorressem sem prejuízos educacionais.

Os episódios analisados evidenciaram que um repertório musical bem elaborado pelo professor de música deve considerar as características, os interesses e as formas de participação e envolvimento das crianças, contribuindo na ampliação do seu alcance para além do espaço da sala de aula, integrando-se ao cotidiano familiar. Quando articulado às

propostas de exploração sonora, esse repertório amplia as possibilidades de aprendizagem musical e fortalece a relação entre a ação pedagógica e as experiências vivenciadas pela criança em seu contexto cotidiano.

A experiência também revelou a importância da participação ativa dos responsáveis na turma. A presença dos adultos em sala, embora enriquecedora para o engajamento e a segurança emocional das crianças, introduziu desafios que exigiram uma atuação para além da docência musical, envolvendo orientação e acolhimento também em relação aos pais e responsáveis. Esse aspecto aponta para a necessidade de uma formação docente que contemple não apenas os fundamentos pedagógico-musicais, mas também as dinâmicas relacionais que envolvam o educador, a criança e a família.

Esta experiência contribuiu significativamente para a formação dos discentes, consolidando a compreensão de que a musicalização infantil estabelece bases significativas para o desenvolvimento integral da criança. A articulação entre a formação acadêmica e a prática supervisionada revelou que o Estágio Supervisionado, quando vivido com escuta atenta e reflexão crítica, é um espaço privilegiado para a construção de saberes docentes essenciais à atuação profissional na educação musical infantil.

Referências

BONA, Melita. Carl Orff: um compositor em cena. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (org.). *Pedagogias em educação musical*. Curitiba: InterSaberes, 2012.

BRITO, Teca Alencar de. *Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança*. São Paulo: Peirópolis, 2003.

BROOCK, Angelita; FREIRE, M. *Música na sala de aula: propostas práticas para a Educação Infantil: volume 1: a musicalidade do professor*. [S. l.]: [s. n.], 2025. v. 1.

ILARI, Beatriz Senoi; MATEIRO, Teresa da Assunção Novo (org.). *Pedagogias em educação musical*. Curitiba: InterSaberes, 2012.

LAMBERT, Rosangela. Pedagogia musical: Carl Orff e a importância do “fazer musical”. *Terra da Música Cursos*, [s. d.]. Disponível em: https://terradamusicablog.com.br/carl-orff-2/. Acesso em: 14 jul. 2026.

MADALOZZO, Tiago; MADALOZZO, Vivian Agnolo; BROOCK, Angelita Vander; WILLE, Regiana Blank. *Educação musical na infância: questões (e inquietações) em debate do ensino remoto ao retorno presencial*. [S. l.]: [s. n.], 2024. DOI: https://doi.org/10.52884/eft-978-85-8054-671-2.

MARIANI, Silvana. Émile Jaques-Dalcroze: a música e o movimento. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (org.). *Pedagogias em educação musical*. Curitiba: InterSaberes, 2012.

MARTELLI, Jéssica; PARIZZI, Betânia; FREIRE, Marina Horta. Efeitos psicofisiológicos da música: uma revisão de literatura e análise de dois vídeos. *Percepta: Revista de Cognição Musical*, v. 10, n. 1, p. 59-81, 2022. DOI: https://doi.org/10.34018/2318-891x.10(1)59-81.

MOREIRA, A. L.; GABORIM, I. *Método Dalcroze: educação musical para o corpo e a mente*. 2003. Monografia (Mestrado em Música) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2003.

NASSIF, Silvia Cordeiro. Desenvolvimento e aprendizagem musical: em foco a formação do pensamento conceitual sob a ótica de Vigotski. *Percepta: Revista de Cognição Musical*, v. 13, n. 1, p. 1-23, 2025. Disponível em: https://www.abcogmus.com/journals/index.php/percepta/article/view/198.

OLIVEIRA, Guilherme; OLIVEIRA NETO, Pedro. Intervenções musicais e a importância dos aspectos rítmicos no desenvolvimento de habilidades cognitivo-linguísticas: uma revisão sistemática. *Percepta: Revista de Cognição Musical*, v. 6, n. 1, p. 87-98, 2018. DOI: https://doi.org/10.34018/2318-891x.6(1)87-98.

SILVA, Walênia Marília. Zoltán Kodály: alfabetização e habilidades musicais. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (org.). *Pedagogias em educação musical*. Curitiba: InterSaberes, 2012.

SOUZA, Lucicleide de; COELHO, Raimunda. Musicalização infantil. *Atlante: Cuadernos de Educación y Desarrollo*, abr. 2018.

SWANWICK, Keith. *Ensinando música musicalmente*. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.